

LIVRO RESENHADO:

FIDALGO, MARIA ISABEL. *ANTES DE MIM UM VERSO*. MACEDO DE CAVALEIROS: POÉTICA EDIÇÕES, 2015. 110 P.

VERSOS EM BUSCA DO MUNDO DOS AFETOS

Tiago Aires

Doutorando - Universidade de Santiago de Compostela
aires.tiago.martins@gmail.com

Maria Isabel Fidalgo tem em *Antes de mim um verso* a sua estreia poética. Desde o título, a poesia é apresentada como essencial à vida, como um destino e como uma forma de autoconhecimento. Com a poesia, visitará todas as outras partes da vida que lhe são também indispensáveis e a constituem, em afetos, em ternuras ditas e silabadas: afetos por pessoas, por geografias, por luzes e cores, por águas e árvores, por escritores, pela palavra e pela poesia.

Esse verso, de procedência anterior ao título, deu-lhe origem e definiu-a. Assim, o veremos na figura tutelar da mãe e na herança que a poeta quer deixar à filha, debruçando-se sobre o amor, a vida e a morte. E é, também, um verso para além da vida – uma superação da vida e da morte através da arte.

Na abertura, o poema homônimo do título do livro, funciona como uma espécie de arte poética, uma apresentação do sujeito, anunciando várias das linhas temáticas que norteiam o seu ofício. As primeiras constatações referem-se às opções gráficas do uso da letra minúscula em situações em que as regras gramaticais ditariam o uso da maiúscula, do uso parcimonioso da pontuação e da presença da prosa com alguma frequência. Mas o poema inicial vai mais longe, assinalando já a necessidade da poesia e a sua relação com a

música, bem como a dimensão divina que esta permite alcançar: “foi sempre nos acordes telúricos da música que encontrei a chama dos deuses” (FIDALGO, 2015, p.13); revela ainda a importância da geografia física dos afetos: as searas, Ofir, as praias.

É também relevante destacar a água, o mar, as manhãs e a luz como imagens simbólicas da essencialidade da poesia, da sua pureza e da sua purificação. Logo, sua poesia é parte de si; “vivo como um verso à procura da cadência precisa” (FIDALGO, 2015, p.13). Vida e poesia justapostas, comparadas, almejando o mesmo: a completude, a comunhão, o ritmo original do mundo.

Composto por quatro partes, o livro começa com “De mim”, um conjunto que revela uma maior introspecção, uma procura do eu, uma definição pessoal em relação com a escrita e sua mundividência. A escrita assume-se como uma necessidade intrínseca do ser. Essa urgência lê-se em poemas como “Silêncio”, onde as palavras aguardam frementes por uma liberdade que segue um caminho: “urge pegar nelas com desvelo/afagá-las com um lume de águas/arrancá-las da pele sílcica/com que as envenenam” (FIDALGO, 2015, p.17). Um caminho marcado pelo afeto para assim conseguir um ponto de pureza que permita uma relação nova com o mundo, quase uma catarse: “para que insubmissas e ágeis/à beira dos caminhos/refresquem como fontes” (FIDALGO, 2015, p.17).

A escrita constrói-se como recurso à memória afetiva, mas também como o presente apercebido pelos sentidos. A memória é quase sempre acompanhada pela saudade da “idade antes dessa idade” (FIDALGO, 2015, p.15), quando tudo era “bom e grande na promessa” (FIDALGO, 2015, p.15). O tratamento da saudade sugere, por vezes, uma nostalgia pela infância, como vemos nesta quadra final do poema “Saudade”: “saudade de ter morrido/na menina que fui lá/um brinquedo de boneca/que me esqueci de guardar” (FIDALGO, 2015, p.18).

À memória no presente, sucede a constatação de que “a idade vai subindo” (FIDALGO, 2015, p.29), as coisas mudam e avançam, os sonhos começam a transformar-se e o tema da passagem do tempo, associado à velhice e à morte, adquire relevância. Deste modo, o sujeito percebe que na mudança, há imutabilidade, que há coisas que nunca se irão alterar, mesmo com a existência da morte: “apesar das trevas e do rio/onde exata será a certa data/florirá deslumbrada no vazio/minha raiz do sonho sempre intacta” (FIDALGO, 2015, p.31).

A escrita do presente experienciado pelos sentidos, centra-se, sobretudo, em “procurar o epicentro da luz” (FIDALGO, 2015, p.21). É a luz que permite observar a beleza das coisas do mundo, seja na praia, no sol, nos livros, na escrita. E, se a manhã surge com mais frequência, também a noite tem momentos de fulgurações e brilhos. “Tríptico da Luz” é um poema exemplar desta tendência: as sensações visuais (ainda que não impeçam as outras, sobretudo as auditivas, mas também as táteis) surgem com uma linguagem metafórica em torno dessa busca, assentes em léxico recorrente como “noite”, “luz”, “poente”, “fogo”, “azul”, “laranja”/“sol”, “branca” ou “incêndio”. Memória e sentidos permitem, portanto, que o sujeito de enunciação se construa e descubra no texto: a escrever, aprende o que é como ser e como poeta, satisfazendo uma necessidade: “a ânsia com que me procuro” (FIDALGO, 2015, p.13).

A segunda parte, “da mãe e da Ana (fica tanto por dizer)” é constituída por poemas que evidenciam a relação afetiva do sujeito com a mãe e com a filha. Um trio no feminino em que a voz do meio se afirma incapaz de dizer tudo, pois é impossível explicar todo o afeto e todos os seus momentos. Ficam as declarações de amor trazidas pela memória do passado (a mãe) e a promessa do futuro (a filha).

Uma vez mais, a condição de poeta é destacada, desta vez como uma constatação que a mãe faz; o pedido de não abandonar o seu dom natural e a ideia da herança para a filha: “mãe que canto é esse/que de ti vem?” (FIDALGO, 2015, p.37). Em última instância, a própria mãe é a poesia, tema e origem dela. A saudade, a dor da perda e os ensinamentos da mãe estão guardados na memória, intactos, pois ela é o ser de maior importância na definição do eu: “a minha mãe no meu olhar foi a fina herança com que os deuses me brindaram” (FIDALGO, 2015, p.46). “Ana” é a filha para quem se passa esta herança, a da vida em “secreta união de encantamento” (FIDALGO, 2015, p.50), a do afeto, a dos ensinamentos.

A terceira parte, “do amor”, trata de um dos temas mais frequentes da lírica universal, mas com cunho próprio e pessoal, afim da estética da autora. O amor, mais um nome do afeto, é aqui pelo outro, ou pelo amor, ele mesmo. Numa escrita mais orientada para um interlocutor de segunda pessoa, sensualista e metafórica, surgem as inquietações e dúvidas, as saudades, as intimidades, os hábitos, a vida em comum, as declarações de amor e até uma tentativa de definição.

Os poemas desta parte, ainda que orientados para esta temática, não esquecem as linhas apontadas anteriormente, como a constante temática da escrita: “Só por causa dos versos/que não te escrevi/tenho pena de morrer” (FIDALGO, 2015, p.74), a memória e os sentidos na percepção do presente - aqui mais os sentidos, todos eles. Ao amor, não são, portanto, alheias as imagens da água e do fogo: “um dia pleno de agosto/e estávamos carregados de luz/molhados de rio ao sol dos desejos” (FIDALGO, 2015, p.61), pois o amor exige um tempo e um espaço para se concretizar. E, também, uma vez mais, assume-se como uma forma de comunhão com o mundo do sentir.

O amor é igualmente uma forma de vencer a morte, uma forma de eternidade, como se sugere na estrofe que encerra o poema “petra”: “talvez como nas lendas dos amores/grandes que ficaram destacados/fiquemos assim nós eternamente/junto ao mar eu e tu petrificados” (FIDALGO, 2015, p.73).

Unido ao humor, o amor surge ainda em poemas que parodiam tipologias textuais contratuais, de intencionalidade imediata e fechada, como os requerimentos e as declarações, eivando-os aqui de uma linguagem metafórica, porém mantendo os lexemas comuns dessas tipologias: “venho por este meio/requerer o seu amor/excelentíssima dama dos meus sonhos/por quem perco o sono e perco o siso” (FIDALGO, 2015, p.78). Ou “venho por este meio declarar/que estou apaixonada/e que o amor que sinto e não desminto/sabe-me à luz da madrugada” (FIDALGO, 2015, p.79).

Por fim, “de cantos outros” trata dos afetos restantes: escritores, pátria, liberdade, ideias e ideais que complementam o seu mundo. É também nesta parte que o sujeito de enunciação assume uma posição mais intervencionista, através da palavra. Ao constatar que o mundo é belo, mas nele paira a injustiça. Não hesita em denunciar o presente incerto dos que têm fome, a falta de liberdade e a abundância de hipocrisia. É esta a pátria em que abril já não chega. A pátria, entendida bem longe dos discursos nacionalistas, é vista como um projeto a cumprir, um pouco na linha de *Mensagem* de Fernando Pessoa. “Tríptico da pátria” é o poema em que se esboça essa conquista outra: “onde a vontade é o leme/e o destino a liberdade”, que nos obriga a partir e a aguçar: “as pontas da língua/as pontas da mãos/as pontas dos dedos/as pontas dos lápis/e escrevamos” (FIDALGO, 2015, p.91). É este também um dos ofícios do poeta, escrever para construir.

Dos escritores que povoam as suas leituras - e o livro é o seu “amigo fiel e companheiro” onde busca “nas horas incompletas/o outro olhar das coisas” (FIDALGO, 2015,

p.96) - destaca-se Pessoa (em apenas seis versos, aborda a multiplicidade de personalidades, fragmentação, fingimento, sentir/pensar), Ricardo Reis (passagem do tempo, destino e morte), Miguel Torga (a força e a música do poeta), Eugénio de Andrade (poeta de luz e águas, tão afins um do outro), Sophia de Mello Breyner Andresen (a constatação da herança de Sophia: silêncio e voz, mar e vento e divindade) e Daniel de Sá (no momento de partida). Em homenagens diversas, a poeta recorre a imagens desses poetas para construir uma nova visão sobre eles. Se Pessoa é o eco mais frequente, merece destaque a presença das Cantigas de Amigo, que marcam presença em “chove a minha mãe”, “dia inicial” ou “esperando meu amigo”: “traz-me abraços do meu amigo/debaixo das avelaneiras floridas/onde me bailo formosa” (FIDALGO, 2015, p.19), lembrando Airas Nunes, D. Dinis, João Zorro ou Martim Codax.

Para finalizar o livro, tempo para reafirmar o desejo de reunião com a natureza, com mundo e a aceitação da morte: “da eternidade-do-pó seremos/depois dos ramos ceifados” (FIDALGO, 2015, p.106). Natureza e morte surgem quase sempre justapostas, como que para evidenciar a naturalidade do fim, da sua necessidade e da nossa resignação perante ela, mas também para sugerir a ideia de ciclo, de renovação.

Antes de mim um verso é, em suma, o resultado escrito de uma busca incessante pelo lugar do poeta no mundo: a constatação da beleza e a denúncia da hipocrisia, a necessidade da poesia, do amor, da natureza e dos afetos que constroem cada uma das nossas vidas.

REFERÊNCIAS

FIDALGO, Maria Isabel. *Antes de mim um verso*. Macedo de Cavaleiros: Poética Edições, 2005, 110p.

Recebido em de 18 de abril 2017.
Aceite em 18 de junho 2017.

Como citar esta resenha:

AIRES, Tiago. "Antes de mim um verso", de Maria Isabel Fidalgo. Rio de Janeiro, *Palimpsesto*, n. 24, p. 188-194, jan.-jun. 2017. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num24/resenhas/Palimpsesto24resenha03.pdf> >. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. INSS: 1809-3507